

“Polícia Federal deporta 450 imigrantes ilegais venezuelanos de Roraima”: um estudo sobre *remediation*, positivismo e pós-positivismo no jornal O Globo

Sonia Ranincheski¹

Roberto Rodolfo Georg Uebel²

Resumo: As migrações internacionais para o Brasil vêm recebendo destaque da imprensa nacional desde a migração em massa de haitianos e africanos a partir de 2010. Mais recentemente, outro fluxo destacado diariamente é o dos venezuelanos, categorizados entre imigrantes econômicos, refugiados e asilados políticos, que em virtude da crise política, econômica que vive a Venezuela, buscam amparo no Brasil. Assim, este artigo realiza um estudo de caso, analisando por meio de reportagem do jornal de grande circulação O Globo, as percepções dadas pelo jornalismo brasileiro em relação a esta onda migratória. Utilizando-se do conceito de *remediation*, mostramos que a questão migratória é exibida sob uma ótica positivista e pós-positivista por meio da imprensa brasileira.

Palavras-chave: Imigração; Venezuelanos; Brasil; Remediation; Positivismo; Pós-positivismo.

“Federal Police deports 450 Venezuelan illegal immigrants from Roraima”: a study about *remediation*, positivism and post-positivism in the newspaper O Globo

Abstract: The international migrations to Brazil received prominence in the national press since the mass migration of Haitians and Africans from 2010. Recently, another daily highlighted flow is the one of Venezuelans, categorized as economic immigrants, refugees and political asylees, who, because of the political, economic and democratic crisis that Venezuela is experiencing, are seeking protection in Brazil. Thus, this article analyses through a report of the newspaper O Globo, the perceptions given by the Brazilian journalism to this migratory wave. Using the concept of *remediation*, we inferred that the migration issue is portrayed with a positivist and post-positivist perspective by the Brazilian press.

Keywords: Immigration; Venezuelans; Brazil; Remediation; Positivism; Post-positivism.

Introdução

As migrações internacionais com direção ao Brasil têm recebido, além de extensas pesquisas acadêmicas das mais diversas áreas do conhecimento – em uma normativa positivista (SMITH, 1996) –, especial atenção por parte da imprensa nos seus mais variados meios, desde os jornais tradicionais até os blogs e as próprias redes sociais.

Ao passo em que autores como Póvoa Neto, Santos e Petrus (2016), autoridades na temática imigra-

¹ Professora do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Ciência Política e em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS. E-mail: sonia.ranincheski@ufrgs.br.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. E-mail: roberto.uebel@ufrgs.br.

tória no Brasil, realizam estudos que buscam retratar e interpretar as migrações e seus novos fluxos a partir dos *booms* imigratórios de 2010 e 2013-2014, utilizando-se inclusive dos instrumentais normativos da análise positivista da ciência apontados por Neufeld (1995), que discutiremos na seção a seguir, a imprensa vem na contramão numa atitude pós-positivista – em sua maioria jornais de corte conservador-liberal, como posto por Burke (1993) –, abarcando a linguagem visual como um meio de *remediation*³ (WEBER, 2008), para traduzir as impressões editoriais e organizacionais sobre o processo imigratório, ora positivo, ora negativo, de acordo com a situação

Sendo a temática migratória um assunto nascituro das Relações Internacionais, como bem discutido por autores de diversas vertentes, como Keohane (2005), Kissinger (2015) e Arrighi e Silver (1984), por exemplo, o presente artigo analisa a cobertura do jornal O Globo no período de um ano, entre 2016 e 2017. Neste período ocorreu em 2016 o primeiro fechamento da fronteira entre a Colômbia e a Venezuela, o aumento de saída de venezuelanos bem como a entrada deles no Brasil e a aprovação da nova Lei de Migração do Brasil, em 2017.

A partir da compilação⁴ das notícias do jornal O Globo encontramos alguns pontos relevantes no que se refere à linguagem positivista e do *remediation* naquele jornal. Além das notícias analisadas na sessão 3 deste artigo, analisamos em separado a reportagem intitulada “*PF deporta 450 imigrantes ilegais venezuelanos de Roraima*”⁵, veiculada na edição de 9 de dezembro de 2016 no jornal O Globo. A partir desta reportagem é possível identificar a linha editorial do Jornal sobre o assunto, além de mostrar, como hipótese de análise, as ligações com interesses político-ideológicos do jornal ao comparar a migração venezuelana com os demais fluxos migratórios.

Considerando que os *issues* migratórios dentro de um estudo de Relações Internacionais abarcam questões de Estado, fronteiras, segurança, defesa, política internacional, geopolítica e tantas outras áreas, optou-se por analisar a referida notícia em duas seções distintas, além desta parte introdutória e das considerações finais. Na seção 1 analisar-se-á a reportagem com vista a identificar em que medida a ótica tradicional positivista é recorrente e para tanto utiliza de termos como “ilegal”, “estrangeiros” e “asilo político”. Tais palavras que se tornam conceitos e mensagens na mídia indicam que a linguagem positivista ainda encontra reverberação nos meios de comunicação tradicionais do Brasil.

Já na seção 2, o conceito de linguagem visual popular e *remediation* contribui para identificarmos as motivações do uso dos referidos termos e a própria opção de retratar o caso específico da migração venezuelana recente de forma distinta àquela de outros fenômenos e fluxos semelhantes, como o caso dos haitianos e senegaleses. A seção comporta ainda uma breve discussão acerca da hipótese prévia que concatena possíveis interesses político-ideológicos do jornal em retratar tais fluxos de forma díspar aos demais fluxos migratórios, conforme já exposto, em virtude do cenário político brasileiro-venezuelano.

Por fim, na seção 3, seguimos a discussão sobre o tema dos venezuelanos imigrantes e como eles são retratados nas notícias do jornal entre julho de 2016 e maio de 2017.

³ Optou-se por manter o original em inglês “*remediation*” ao invés de *remediação*, a fim de evitar-se interpretações equivocadas sobre o termo, além de que utilizamos a fonte inglesa de Weber (2008). Por “*remediation*”, a autora define o termo: “*Remediation refers to the process whereby the desire for this sort of immediate access to the real, live, unmediated experience with virtual reality as its paradigm is paradoxically produced through the multiplication of media and mediations*” (WEBER, 2008, p. 139).

⁴ Atividade realizada pelo Núcleo de Pesquisa “Cultura política, Estado e Relações Internacionais” CESPRI (http://www.ufrgs.br/nupesal/projetos/single/Cultura_politica_Estado_e_Relacoes_Internacionais_-_CESPRI_2016_-_Atual).

⁵ Matéria disponível na íntegra em: <http://oglobo.globo.com/brasil/pf-deporta-450-imigrantes-ilegais-venezuelanos-de-roraima-20619580>. Acessado em 12 de dezembro de 2016.

A visão tradicional positivista e os conceitos de “ilegal”, “estrangeiro” e “asilo político”

O brasileiro confia pouco nas suas instituições políticas. O brasileiro confia mais nas igrejas e na imprensa do que nos partidos políticos ou nas instituições como justiça, legislativo ou executivo (BAQUEIRO; CASTRO; RANINCHESKI, 2016). Tanto as igrejas quanto a imprensa se constituem em espaços de construção e consolidação de ideias e visões sobre a realidade de uma maneira geral ou particular. Assim, pode-se conhecer, analisar e compreender a atuação destas instituições nos diversos temas que envolvem o Brasil contemporâneo. A atuação da imprensa em geral e da escrita em particular vem sendo denunciada e posta sob suspeita dada a cobertura jornalística ser permeada pelos visíveis interesses econômicos e políticos privados e desconectados da realidade propriamente dita. Este é o caso da cobertura do Jornal O Globo que descreve a chegada dos imigrantes venezuelanos no Brasil como sendo essencialmente uma questão ideológica, deslocando a perspectiva política e humanitária do fenômeno para o campo da ideologia.

A outra motivação para a escolha da reportagem para a breve análise neste artigo levou em consideração majoritariamente a possibilidade de verificar nas reportagens o uso das lentes ora positivistas e tradicionais, ora pós-positivistas e de linguagem popular visual (e de *remediation*), de acordo com os conceitos e imagens expostas na notícia. Também se observou o histórico de reportagens do jornal O Globo que abordaram os fluxos migratórios de haitianos e senegaleses em um passado recente, de forma distinta ao caso dos venezuelanos.⁶ A perspectiva negativa sobre o tema migratório tem sido encontrada em outros jornais. Estudo realizado sobre os discursos empregados sobre os haitianos nos jornais impressos de três municípios do estado do Rio Grande do Sul, encontrou o mesmo resultado: em outras matérias reforçam o discurso de negação do sujeito por parte dos leitores sem manifestações positivas aos imigrantes (ALMEIDA; BRANDÃO, 2015).

Para a visão tradicional positivista, que segundo Neufeld (1995) deve seguir uma classe de análise e sentenças com afirmações sintéticas, verificáveis pela experiência, e que satisfaçam as condições de: a) a relação entre as variáveis deve ser invariável; b) uma variável deve preceder temporalmente ou ser simultânea a outra; c) a relação entre as variáveis analisadas deve ser assimétrica; optamos então por analisar os conceitos-variáveis de “ilegal”, “estrangeiro” e “asilo político” presentes na nossa notícia em análise.

As quatro características que compõem o positivismo científico, inclusive nas Relações Internacionais, apontados por Wight (2006), a saber: **fenomenalismo** (as aparências, e não as realidades, são os únicos objetos do conhecimento), **nominalismo** (palavras e conceitos não escolhem nenhum objeto real ou aspectos universais da realidade, são simplesmente símbolos ou nomes convencionais que usamos para nossa própria conveniência), **cognitivismo** (nenhum valor cognitivo pode ser atribuído a julgamentos de valor e declarações normativas) e **naturalismo** (a crença de que existe uma unidade essencial do método científico, de modo que as ciências sociais possam ser estudadas da mesma maneira que as ciências naturais); percebe-se uma estrita observância tradicional-positivista quando empregados pelo jornal os termos ora prepostos. Tais características ficam evidentes na reportagem nas seguintes passagens:

“Quatrocentos e cinquenta venezuelanos foram deportados nesta sexta-feira de Roraima”; “estavam sobrevivendo por meio de doações fornecidas pela população nos semáforos da região central da cidade”; “o governo brasileiro anunciou o envio de uma missão ao norte do país para estudar o alarmante aumento da quantidade de migrantes venezuelanos”; “Juntamente com a imigração para fugir da crise econômica, registrou-se um

⁶ Citamos os exemplos das seguintes reportagens, dentre as dezenas já publicadas acerca dos fluxos migratórios recentes no Brasil, pelo jornal O Globo: “O Haiti que dá certo: driblando a miséria” (03/09/2017), “Onda de haitianos vindos do Brasil chega à fronteira México-EUA” (15/09/2016), “Invasão de haitianos” (08/01/2012), “Como são os haitianos: sofridos e esperançosos” (13/01/2010), “Como vivem os imigrantes ilegais que chegam ao Brasil pelo Acre” (08/09/2014), “Êxodo de venezuelanos duplica população de Roraima” (19/08/2017), “Imigrante ilegal com benefícios do Brasil” (14/10/2010).

aumento considerável dos pedidos de asilo político de pessoas vindas da Venezuela” (O Globo, 2016).

De forma quase coincidente, cada parágrafo da notícia em questão representa cada uma das quatro características normativas da assunção positivista científica citadas. Ao transpô-las à representação noticiosa, o jornal exemplifica um evidente caráter conservador positivista em sua abordagem e intenção político-ideológica, considerando a presença de uma certa “parcialidade de imprensa”.

Invocando-se a situação de instabilidade econômica e social existente na Venezuela, somada à crise política recente enfrentada pelo governo de Nicolás Maduro – conhecidamente localizado à esquerda no espectro político, também sob uma égide constitutiva positivista –, percebe-se a junção do caráter “negativo” desta imigração junto ao senso de inferioridade da Venezuela e sua situação, isto é, já apontando a hipótese que discutiremos na seção 2.

O venezuelano que chega no Brasil, na liminar da reportagem, já chega com o estigma ideológico, na visão do jornal. Em outras palavras, não se trata de fazer uma reportagem sobre o fluxo migratório, mas de determinado fluxo migratório oriundo de um país percebido pelo jornal como “sofrendo uma ditadura”. Sobre a questão da Venezuela ser uma “ditadura”, o jornal publicou ao longo dos últimos dois anos, isto é, entre 2015 e 2017, diversas notícias e editoriais de opinião utilizando o termo para se referir ao regime e ao governo venezuelano, como nos casos a seguir: “A ditadura venezuelana agoniza” (07/10/2017), “O Brasil diante da ditadura de Maduro” (14/06/2017) e a citação a seguir:

Simultaneamente ao uso dos meios diplomáticos para criticar a **ditadura bolivariana** e incentivar a Venezuela a recuperar o caminho da democracia, temos uma importante tarefa humanitária no sentido de apoiar o povo do país vizinho e amparar os flagelados que, sem outra saída, procuram refúgio em terras brasileiras. (O GLOBO, “O Brasil e a tragédia humanitária na Venezuela”, grifo dos autores, 20/09/2017)

Nada mais positivista do que inserir no indivíduo toda a realidade, deixando-o sem chances de ser, ter ou buscar outra realidade. Assim, o venezuelano estaria fugindo do seu país, mas trazendo consigo o que há de ruim. Essa mensagem está subentendida em toda reportagem.

Ao nominar de forma extensa a quantidade dos imigrantes venezuelanos deportados, conjugar de forma cognitiva o verbo de sobrevivência às doações em região microterritorializada (os semáforos da região central da cidade de Boa Vista), intensificar e naturalizar o fluxo com o verbete “alarmante aumento” e somar dois conceitos migratórios distintos (imigrante com asilo político) a um único fenômeno, a notícia viabiliza todas as condicionantes de simetria, invariabilidade e temporalidade entre as variáveis analisadas, sendo assim uma tradicional notícia com viés positivista, o que impressiona mas não surpreende para uma circulação tradicionalmente conservadora em pleno século XXI no Brasil.

Há muito a literatura de Relações Internacionais especializada em migrações internacionais desaconselha o uso do termo “ilegal” para caracterizar imigrantes em situações de irregularidade, ao passo que, segundo Colford (2013) e Christian, Jacobsen e Minthorn (2013), o termo mais apropriado seria imigrante não-autorizado ou sem permissão legal, posto que o direito de livre trânsito é preceito da legislação internacional.⁷ Considerando que o jornal aqui analisado possui um corpo de funcionários capacitados e instruídos esperar-se-ia que estivessem atualizados quanto as discussões sobre a nomenclatura a ser usada.

⁷ Artigo XIII.2 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar”. A Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes e de seus Familiares, de 1990, reconhece os direitos fundamentais de todos, em situação migratória regular ou não, disponível em: <http://acnudh.org/wp-content/uploads/2012/08/Conven%C3%A7%C3%A3o-Internacional-para-a-Prote%C3%A7%C3%A3o-dos-Direitos-Humanos-de-todos-os-Trabalhadores-Migrantes-e-Membros-de-suas-Fam%C3%ADlias.pdf>.

Tal equívoco se justificaria pelo uso de termos próximos da linguagem popular e tradicionalmente conhecida. Mas não parece ser o caso, pois sabe-se que os jornais são veículos de disseminação de novos termos, sempre que assim desejam. Neste caso, resta-nos pensar que tal uso dos termos negativos está relacionado à busca de audiência com a formulação de uma notícia sensacionalista, além da motivação ideológica.

O sentimento negativo usado também aparece em outros assuntos que não a imigração. A literatura atual em saúde tem apontado como a mídia vem realizando uma cobertura tendenciosa do SUS, enfatizando os problemas e se desinteressando pelos êxitos. É o caso das estratégias discursivas utilizadas na desqualificação do SUS, especificamente, dos gestores e usuários, nas notícias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo, no ano de 2008 (SILVA; RASERA, 2013).

Além dos termos “clandestino”, “ilegal”, “pobres”, “irregular”, a abordagem tradicional-colonial da imprensa brasileira coloca o papel da fronteira como se fosse um portão que pode ser aberto e fechado a bel-prazer do governo federal, evitando-se o ingresso de qualquer indivíduo a qualquer momento. Tal visão nota-se, no próprio Jornal O Globo de 10 de janeiro de 2012 que coloca em sua manchete “Brasil decide fechar as fronteiras aos haitianos”⁸.

Nesse sentido, ao colocar o indivíduo venezuelano, migrante por motivações de gravidade social, econômica e política, como um estrangeiro ilegal, a publicação referida invoca um sentimento positivista de *estrangeirização* do outro, daquele que é diferente, essencialmente comum nos jornais e publicações positivistas dos séculos XVIII e XIX, como bem apontam White e White (1983). Há, neste caso, um caráter denotativo essencialmente tradicional, conservador e positivista ao abordar um fato social corriqueiro na literatura de Relações Internacionais e migrações no Brasil, contrastando com reportagens anteriores do próprio jornal, que davam outras tônicas às questões migratórias.

O uso da linguagem visual popular e da *remediation* como apelo secundário: cenário regional, instabilidades políticas lá e cá

Se na análise da seção anterior apresentou-se uma interpretação essencialmente positivista e conservadora à luz da reportagem “*PF deporta 450 imigrantes ilegais venezuelanos de Roraima*”, a presente seção trará a discussão feita por Weber (2008) sobre o uso da linguagem visual popular e da própria *remediation* para a compreensão da comunicação desejada pela notícia em questão e pelo próprio jornal em si, como agente de comunicação e de interferência, ainda que subjetiva, nas escolhas pessoais, nas relações da sociedade e desta com o governo, e na própria cultura política (CASTRO, 2014).

Ainda que a notícia analisada seja fortemente marcada por uma essência positivista que segue as quatro regras tradicionais elencadas por Wight (2006) – unidade, distinção entre fatos e valores, crença em regularidades e epistemologia empírica –, o uso das imagens para ilustrar o posicionamento do jornal traz-nos outros esclarecimentos, agora de corte pós-positivista, não-tradicionais e culturais, ou seja, utiliza-se destas especificidades para “mascarar” o positivismo tradicional do jornal.

Sobre o uso das imagens, Molina afirma o seguinte:

En contraste con el texto escrito, que se muestra como un enigma para quien desconoce la lengua en la que está escrito, la imagen, se muestra engañosamente comprensible, independientemente de la cultura en la que se inscriba la propia imagen y su lector. Sin embargo, la imagen es un hecho cultural. (2011, p. 74)

⁸ Disponível em: <http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2012/01/brasil-decide-fechar-as-fronteiras-aos-haitianos-425532.html>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.

Portanto, é importante observar algumas das imagens utilizadas na notícia em estudo, captadas por Marcos Alves, fotógrafo de O Globo (Figura 1):



Figura 1 – Fotografias da notícia “PF deporta 450 imigrantes ilegais venezuelanos de Roraima”

Fonte: Jornal “O Globo”, 09 de dezembro de 2016.

Se estas imagens são uma realidade, a sua retratação utilizada pelo jornal é clara na disposição negativa do país, da Venezuela: exploração e esgotamento infantil, falta de moradia, mendicância, desnutrição e desvalorização da moeda venezuelana, isto, é pobreza. Esta linguagem visual atende ao propósito de caricaturização da Venezuela e seu regime, a partir da situação de famílias migrantes venezuelanas. Em comparação, *grosso modo*, seria o mesmo que um jornal norte-americano utilizar fotografias das favelas cariocas para representar toda a sociedade brasileira, ou de migrantes mexicanos cruzando as fronteiras em condições sub-humanas para representar a população mexicana e suas condições socioeconômicas.

Cynthia Weber trouxe em seu artigo de 2008 e, mais recentemente, em seu livro de 2016, o uso da linguagem visual popular e da *remediation* como denominadores comuns úteis aos estudos de Relações Internacionais para a compreensão dos fenômenos que ocorrem e afetam ao Sistema Internacional, es-

pecialmente na Política Internacional envolvida nas questões de soberania, segurança, defesa e também política interna.

O que a autora propõe dentro de um espectro pós-positivista envolto pelos Estudos Culturais contemporâneos é o uso da linguagem visual como meio de interpretação (e artifício usado pelos políticos, desde George W. Bush até a campanha eleitoral do presidente-eleito dos Estados Unidos, Donald Trump) dos fenômenos que afetam a ordem interna e externa das sociedades, e a representação de um meio em outro, de forma mais ou menos subjetiva, de acordo com os interesses preconizados. Logo, trata-se de uma abordagem que lança mão tanto da linguagem tradicional escrita como da linguagem visual, para tratar de temas importantes e relevantes na agenda internacional, seja por meio do cinema, da televisão, da música, da arte em geral, ou neste caso específico, da fotografia.

Retomando-se as proposições da notícia investigadas na seção anterior, ficou claro a intenção da reportagem e do próprio jornal em retratar uma situação de vulnerabilidade social hipoteticamente danosa ao Estado brasileiro, com a vinda de imigrantes irregulares venezuelanos – parecendo olvidar que a Venezuela, como Estado-membro e pleno do Mercosul, até o presente momento, possibilita o trânsito e moradia dos seus nacionais nos demais Estados-parte. Todavia, segundo informações do Vice-Consulado do Brasil em Santa Elena de Uairén (na fronteira venezuelana-brasileira), o acordo bilateral para emissão do visto específico de moradia do Mercosul ainda não foi assinado pela Venezuela, o que levaria então a legitimar a deportação de imigrantes indocumentados que ingressassem no território brasileiro:

Infelizmente ainda não foi assinado o acordo para o Visto Mercosul entre Venezuela e Brasil. Como o senhor sabe, o visto Mercosul daria direito aos cidadãos dos dois países a trabalharem ou estudarem, sem burocracia. Esse tipo de visto já é utilizado por cidadãos de quase todos os países da América do Sul, exceto a Venezuela, que ainda não assinou o respectivo acordo. Não há previsão de quando será assinado. (SILVA, 2016, p.1)

Fica, portanto, perceptível que a conclusão positivista da reportagem, ao colocar o imigrante venezuelano como ilegal, *deportável*, requerente simultaneamente de asilo político, traz uma falha conceitual e jurídica deliberadamente consentida pelo seu autor e revisor, ilustrando então o posicionamento do jornal em relação ao tema. As imagens utilizadas na notícia, compreendidas na Figura 1 retratam então o caráter de *remediation* discutido previamente.

Ao retratar os imigrantes venezuelanos: pedindo esmolas, dormindo nas ruas, crianças com poucas roupas, comendo no chão e trocando várias notas de Bolívares venezuelanos por Real para comprar alimentos e suprimentos, percebe-se a real intenção da reportagem, que amparada em uma interpretação pós-positivista culturalista, significaria um apelo secundário ao que “poderia se transformar o cenário brasileiro”, com uma provável instabilidade “lá e cá”.

Em nenhuma parte da notícia se fala sobre esta possibilidade ocorrer no Brasil – há muito os manifestantes pró-impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, influenciados por editoriais do mesmo jornal, justificavam que o Brasil poderia se tornar a Venezuela no futuro, caso não concretizada a destituição da presidente democraticamente eleita –, todavia, as imagens retratadas apontam exatamente nesta direção, portanto, um visível caso de *remediation*, a reprodução de um meio em outro, com claros interesses políticos e/ou ideológicos por parte do jornal, um dos principais influenciadores do pensamento da população brasileira.

A relação de subjetividade entre o imigrante e os aportes que este traz do seu país de origem é estudada há no mínimo dois séculos pela literatura especializada, e autores consagrados como Arcarazo e Wiesbrock (2015), Piore (1979) e Rocha-Trindade (1995), afirmam categoricamente que, salvo exceções pontuais, o imigrante não reproduz ou replica as interações sociais, políticas e coletivas (de corte ideoló-

gico e político) no país de destino, já que segundo Sayad (1998), o imigrante migra exclusivamente pelo trabalho.

Seria falacioso afirmar que pelo simples ato de migrar, os imigrantes venezuelanos trariam consigo, ainda que subjetivamente ou hereditariamente (muitos positivistas normativistas ainda advogam isso), as mazelas e instabilidades vividas na Venezuela, seu país de origem, e reproduzi-las-iam em território brasileiro, instalando o caos e a insegurança, como se estes já não fossem presentes no Brasil, com ou sem imigrantes.

Deste modo, seguindo a discussão de Weber (2008), a imprensa poderia fazer um jogo duplo de neutralidade e responsabilidades em que cabe a imprensa o papel da denúncia pura e neutra e impingir culpa a outros e, estes outros, não seriam ligados aos seus interesses, da imprensa. Em outras palavras, a imprensa com a sua linguagem textual, visual e neutra mascara o seu poder de comunicação subjetiva como potencialmente perigoso e útil às pretensões de determinados grupos ou elites econômicas, por exemplo, aqui representadas por um dos maiores jornais do Brasil, do segundo maior grupo de comunicação do mundo.

A recorrência da notícia e da versão da notícia

As notícias compiladas nos permitiram fazer uma separação em dois grandes grupos, pois eles indicam que houve mudanças pontuais no tratamento da questão migratória por parte do jornal, de acordo com os seus interesses: o primeiro que vai de 12 de julho de 2016, data do primeiro fechamento da fronteira entre a Colômbia e a Venezuela e 25 de maio de 2017, data de aprovação da nova Lei de Migração do Brasil; e o segundo grupo compreendido entre aquela data e 31 de outubro de 2017, antes da vigência da referida lei. Nestes dois grupos que demarcam eventos históricos relevantes encontramos alguns pontos relevantes no que se refere à linguagem positivista e do *remediation* naquele jornal.

Dentro do primeiro compilado, as primeiras notícias sobre a chegada dos refugiados venezuelanos em Roraima e, por conseguinte, no Brasil, foram publicadas em outubro de 2016. Em 14 de outubro, na reportagem “*Roraima confirma criação de gabinete emergencial para auxiliar venezuelanos*”, o jornal destacava a criação de um “gabinete emergencial para lidar com a imigração ilegal de venezuelanos”, ou seja, definia de forma positivista a condição jurídica daqueles estrangeiros antes mesmo de passarem por um processo de controle migratório, processo legal e deportação, conforme exigia a lei vigente à época.

As intenções do jornal em conotar os refugiados venezuelanos como ilegais se seguiram na reportagem seguinte, do dia 18 de outubro, com o título “*Governo de Roraima cria gabinete emergencial para auxiliar imigrantes venezuelanos*”. Chama a atenção que o próprio governo roraimense desconhecia a situação jurídica daqueles venezuelanos, bem como o seu número preciso, ao passo em que o jornal já os considerava “ilegais”, conforme segue na citação:

Na cerimônia, a governadora afirmou que será feito um levantamento da situação dos venezuelanos, para saber quais ações devem ser tomadas. Um diagnóstico será enviado ao governo federal. A estimativa é que mais de 30 mil imigrantes ilegais da Venezuela estejam em Roraima, mas não há números oficiais. (O Globo, 18 de outubro de 2016)

Já em novembro de 2016, com a consolidação do fluxo de refugiados venezuelanos para o Brasil, o jornal O Globo passa a utilizar a linguagem de *remediation* que apontamos ao longo deste artigo, ora positivista condenatória, ora pós-positivista de cunho sensacionalista e apelativo, a fim de denunciar o regime venezuelano, cujo mérito não discutimos nesta pesquisa.

Em 06 de novembro de 2016, com a reportagem “*Por vida melhor, venezuelanos deixam profissões e terra natal para trás*”, o jornal apela ao sensacionalismo apelativo para denunciar as condições originárias dos refugiados venezuelanos, tais como perseguição política, crise econômica, falta de oportunidades de emprego e as profissões da classe média migrante que optara pelo Brasil.

Entretanto, em outra reportagem do mesmo dia, intitulada “*Onda de imigrantes muda vida de Paracaima, com explosão de violência e questões sociais*”, o jornal utiliza outra linguagem, agora positivista, de modo a expressar aquele fluxo migratório como uma onda, de forma equivocada, já que a literatura de imigração prevê as ondas migratórias como um fenômeno de ida-volta e pontual, que não se verificou para o caso venezuelano, e também utilizando-se dos termos “explosão” e “violência”, que criam a imagem de um fluxo negativo para o Brasil, atrelando à imigração venezuelana atributos de aumento dos casos de violência em Roraima, o que é uma inverdade factual.

Ainda na edição do dia 06 de novembro de 2016, uma reportagem d’O Globo chama a atenção com o título “*Venezuelanos levam o caos a Roraima*”, destacando o aumento dos casos de violência – que sempre foram altos naquele estado – tais como homicídio, furtos e roubos, e da sobrecarga das unidades de saúde, que também historicamente são altas em toda a região Norte do Brasil. Este tipo de linguagem positivista foi muito comum quando das primeiras migrações em massa de latino-americanos para os Estados Unidos, por exemplo, há meio século, que hoje não são mais utilizadas pela própria imprensa norte-americana, inclusive naqueles veículos anti-imigração.

Um dia depois, O Globo continuou a explorar a questão imigratória venezuelana ao máximo, já que na mesma semana diversos veículos brasileiros focaram no referido tema, seja em jornais, internet ou na televisão. Utilizando uma abordagem pós-positivista, a reportagem “*Boa Vista sente o impacto da imigração venezuelana*” busca fazer um apelo sensacionalista e humanitário com o subtítulo “*Enquanto índios do país vizinho pedem dinheiro e vendem artesanato, mulheres se prostituem nas ruas da capital de Roraima*”, além de comparar subjetivamente questões de gênero.

Na imprensa brasileira em geral, a questão indígena raramente recebe atenção por parte dos veículos, salvo quando crimes que envolvem mortes generalizadas, conflitos com fazendeiros – normalmente tendendo à culpabilização dos indígenas – ou morte de missionários estrangeiros ganham destaque nos noticiários. Logo, ao abordar o caso dos índios ditos venezuelanos – cabe ressaltar que a questão de nacionalidade para indígenas não necessariamente obedece às questões de soberania estatal e fronteiras internacionais –, fica evidente a intenção de denúncia do fluxo migratório para o Brasil. Igual fato se repete ao reportar a prostituição de mulheres venezuelanas na capital roraimense, como se esta atividade jamais ocorrera em Boa Vista até a chegada das venezuelanas.

Em 09 de novembro, em editorial intitulado “*Refugiados exportam drama venezuelano para o Brasil*”, o jornal finalmente toma uma posição, ao chamar os venezuelanos, primeiramente concebidos como “imigrantes ilegais”, de refugiados, sem, entretanto, deixar de utilizar linguagem positivista, como segue: “A falência do regime chavista da Venezuela gerou uma crise humanitária sem precedentes, que ameaça contaminar os países vizinhos” (O Globo, 09 de novembro de 2016). Seria a imigração uma doença para poder contaminar outras nações?

No mês de dezembro, além da reportagem foco de análise deste artigo, registrou-se ainda uma reportagem no dia 17, intitulada “*Fechamento da fronteira venezuelana paralisa cidade em Roraima*”, que contrasta com as negativas, porém positivistas, manchetes que dominaram as notícias do mês anterior. O jornal destaca que o fechamento da fronteira impactou negativamente a economia daquela cidade fronteira, além disso, faz o uso de uma linguagem peculiar, conforme segue:

De acordo com a secretaria, o fechamento da fronteira por ordem do presidente Nicolás Maduro acabou com o fluxo de imigrantes, mas os índios do país vizinho continuam entrando normalmente no Brasil porque não passam pelo posto oficial e sim por uma entrada clandestina. A fronteira entre Brasil e Venezuela é seca. Não há um rio, por exemplo, para dividir os dois países. O governo de Roraima montou, no final de outubro, um posto de controle na saída de Pacaraima para tentar inibir a ida de imigrantes para Boa Vista. (O Globo, 17 de dezembro de 2016)

Primeiro, a reportagem aponta os índios como outros “seres”, apesar de igualmente imigrantes. Segundo, no que se refere à entrada clandestina, é imperativo afirmar sob qual ponto de vista, se sob critérios legais e territoriais venezuelanos ou brasileiros, já que as fronteiras mercosulinas assim exigem tal entendimento. Ainda, destaca que o governo estadual instituíra um posto de controle, o que mereceria aprofundamento investigativo por parte do autor da notícia, dado que, segundo a Constituição Federal, é atribuição exclusiva e intransferível da União e não dos estados o controle migratório e fronteiriço.

Após um mês sem publicar notícias acerca da migração venezuelana para o Brasil, o jornal O Globo reproduziu duas notícias no mês de fevereiro de 2017, sobre a possibilidade de concessão do visto humanitário para imigrantes daquele país, em 22 de fevereiro, que foi revogada de forma inexplicada pelo governo federal um dia após, conforme a notícia do dia 26 de fevereiro. Destaca-se em ambas reportagens a linguagem mais pós-positivista até então, de tom moderado, chamando os venezuelanos de “migrantes”, sem o uso de termos como ilegal ou clandestino, além de denunciar, pela primeira vez, o aumento do sentimento xenofóbico por parte da população roraimense.

No mês de março de 2017, prévio à mudança de chancelaria no Brasil, quando Aloysio Nunes Ferreira, o novo chanceler, adota um discurso mais agressivo contra o regime de Nicolás Maduro e mais humanitário em relação aos refugiados, o Globo apenas reproduz uma notícia original do espanhol “El País”, com o seguinte título “*Na Venezuela não há comida, mas no Brasil sim*”: a nova fuga da fome na fronteira do norte”, em matéria veiculada no dia 12 de março, mas ainda utilizando uma abordagem apelativa, como a fome sendo a principal motivação daquela migração.

Em abril de 2017, à luz da extinção do Parlamento venezuelano, convocação para a contestada Assembleia Constituinte e agravamento dos protestos na Venezuela, o Globo destaca no dia 11 de abril a seguinte manchete “*Venezuelanos protestam contra Maduro em frente a consulado no Rio*”, porém, confunde diversos temas e, inclusive, participantes. Não se tratava de imigrantes vindouros dos fluxos recentes, mas sim de cidadãos residentes, posto que a própria migração recente se iniciara e concentrara no Norte do Brasil, e não no Sudeste, conforme os estudos de Silva e Assis (2016).

Uma semana depois, em 18 de abril, O Globo, pela primeira vez durante este compilado analítico, não faz uso da linguagem positivista ou pós-positivista, apenas reproduz, quase que integralmente, o relevante relatório publicado pela *Human Rights Watch*, denunciando as violações de direitos humanos na Venezuela e a crise migratória, de forma imparcial, com o título da reportagem “*Crise humanitária da Venezuela se espalha e chega ao Brasil, diz relatório sobre direitos humanos*”, que aparentemente destaca a profusão da crise pelo Brasil, talvez a única menção apelativa na notícia.

Em maio de 2017, mês da aprovação da nova Lei de Migração, aplaudida por organizações sociais, religiosas e parte da academia, e criticada por movimentos ultraconservadores e xenofóbicos brasileiros, o jornal O Globo alterou o centro de exploração da questão venezuelana de Roraima para o Amazonas, destacando em duas reportagens, de 08 e 14 de maio, sobre a migração de índios vindos daquele país. Novamente fez o uso de termos como “miséria”, “doença” e relacionados a crianças e idosos, para uma abordagem sensacionalista pós-positivista, a fim de atingir o ponto de vista crítico editorial em relação ao

governo de Nicolás Maduro.

Com um espaço de dois meses sem noticiar a questão migratória venezuelana, em julho de 2017 o jornal publicou apenas uma pequena notícia, com o título “*Brasil recebeu 10 mil venezuelanos a mais no semestre*” em 09 de julho, seguida do seguinte texto: “O governo calcula que, no primeiro semestre, o Brasil ganhou 10 mil novos imigrantes venezuelanos. Feitas as contas entre os que entraram e os que saíram, este foi o total do que ficou por aqui” (Jornal O Globo, 09 de julho de 2017). Seguindo o uso da *remediation*, a publicação infere um “ganho” migratório de forma pejorativa ao mencionar “foi o total do que ficou por aqui”, como se a população migrante fosse apenas objetos contáveis, e não famílias de seres humanos. No restante daquele mês, apenas outras quatro notícias foram publicadas, mas de venezuelanos residentes no país, que votaram no plebiscito organizado pela oposição venezuelana contra a proposta de Assembleia Constituinte.

Em agosto, com o agravamento da situação política na Venezuela, o jornal O Globo passou a reportar novamente, de forma intensa e fortemente positivista, a questão migratória para o Brasil, imbuindo questões de tráfico de drogas e armas, que são historicamente presentes nas fronteiras setentrionais do país, aos imigrantes recém-chegados. Em 01 de agosto, na entrevista com o prefeito da cidade fronteiriça de Paracáima, o jornal publica “*Situação na Venezuela pode ficar ‘incontrolável’ para o Brasil, diz prefeito na fronteira*”.

Entretanto, é nos dias 15 e 19 de agosto que o jornal atinge o ápice da abordagem positivista e negativa em relação à imigração venezuelana. Primeiramente, com a seguinte notícia “*Venezuelanos pedem ajuda dentro dos vagões do metrô do Rio*” de apenas três linhas, quais sejam:

Miséria nos outros é... Dois venezuelanos têm distribuído um papel, dentro dos vagões da Linha 1 do metrô do Rio, pedindo dinheiro. O texto explica a crise do país e a necessidade que estão passando. Enquanto isso, Gleisi Hoffmann, presidente do PT, defende o desgoverno de Maduro. (Jornal O Globo, 15 de agosto de 2017)

De forma jornalisticamente irresponsável – e quantitativamente irrelevante – o jornal buscou conectar a crise venezuelana com um partido político brasileiro, sendo, neste sentido, a imigração uma *remediation* clara deste processo.

Por fim, o último compêndio deste registro de notícias é de 21 de outubro de 2017, com a seguinte manchete apelativa “*Prefeita pede vacina para conter epidemias entre refugiados*”, quando pela terceira vez O Globo reclassifica os migrantes venezuelanos – anteriormente como ilegais e asilados –, agora como refugiados, que são potenciais portadores de doenças e epidemias, segundo a percepção da personagem ativa noticiada.

Destarte, vimos que ao longo deste processo de migração venezuelana para o Brasil, causada pelos mais diversos motivos, assim como os fluxos anteriores de haitianos e senegaleses, a mesma fora vinculada a questões de crimes, violência, tráfico de drogas e armas, contrabando, contaminação, doenças, epidemias e tensão social, política e econômica.

Deveras negativada pelas notícias e jornalistas-blogueiros do jornal O Globo, a imigração venezuelana serviu também de munção editorial para ataques ao governo venezuelano e às instituições daquele país, sem demonstrar um contraponto opinativo e argumentativo, mas sim definitivo, muitas vezes contrariando estudos científicos, constatações de organizações internacionais e até mesmo antecipando decisões governamentais, como no caso da primeira classificação dos migrantes como ilegais, antes de qualquer análise pelas autoridades competentes brasileiras.

Considerações Finais

No presente artigo buscamos mostrar o caráter dual de uma reportagem veiculada no jornal O Globo em dezembro de 2016 sobre a imigração de venezuelanos com direção ao território do Brasil, mais especificamente na região Norte do país, após a instabilidade econômica, social e política vivida naquele país, membro do Mercosul também.

No que tange a imprensa brasileira, notamos o uso de abordagens pós-positivistas e o quão as tais abordagens mascaram a realidade do fenômeno migratório. A imprensa, ao contrário do que os positivistas alegam, se posiciona e interfere na explicação da realidade. Considerando, inclusive, que o estudo de caso que realizamos aqui trata de um veículo de informação pertencente a um conglomerado nacional – Globo – que historicamente interfere e age politicamente no país. Buscamos retratar a dualidade de interpretações sobre um mesmo fato noticioso; a primeira sob uma ótica tradicional, conservadora e positivista; a segunda sob uma lente contemporânea pós-positivista, utilizadora dos instrumentos da linguagem visual popular e da *remediation*, que se mostrara igualmente conservadora quanto aos fins da notícia e seu grupo de mídia publicador. Percebeu-se que tanto a interpretação positivista como a pós-positivista, para o caso específico, trazem aportes semelhantes quanto as intenções da notícia e da mensagem a ser transmitida pelo jornal e seus editores, apesar da forma como estas se fazem nas duas interpretações.

Observou-se assim a interpretação do imigrante como um indivíduo considerado “ilegal”, arguidor de asilo político – uma categoria totalmente distinta e suscetível à deportação pela Polícia Federal, isto é, pelo Estado brasileiro, ainda que as condições estatutárias do Brasil, como membro do Mercosul, permitiriam a circulação e permanência destes quatrocentos e cinquenta indivíduos em território brasileiro, sem quaisquer consequências ou penalidades, por período delimitado pela legislação vigente.

Por fim, verificou-se que a aproximação feita entre a pseudo-ilegalidade destes imigrantes com a situação de vulnerabilidade social e crises na Venezuela, representadas pelas imagens e pelo texto noticioso, criou a imagem-produto final de uma “ameaça” ao Brasil e uma pseudo-estabilidade vivida no país, o que sabidamente não é real e crível. A partir dessa discussão seria relevante problematizar as representações dos fluxos migratórios internacionais com direção ao Brasil e propiciar o debate sobre o uso da linguagem visual popular e das abordagens negativas dos fenômenos migratórios contemporâneos.

Por vias da discussão internacional, essa imprensa conservadora visa, em última instância, influenciar na visão e na prática da política nacional de acordo com os seus interesses particulares. Enfim, a linguagem final da notícia é que pouco importa a situação experimentada por estes imigrantes – agora deportados –, e com isso subliminarmente essa imprensa está induzindo a pensar, pela direita, outros temas atinentes ao Brasil. Assim, a confiança da população brasileira depositada na imprensa é fator preocupante porque significa menos confiança na política e porque indica chances de absorver sem mediação e crítica a mensagem lida nessa imprensa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; BRANDÃO, Beatriz Montalvão. Imigração, Mídia e Sociabilidade dos Haitianos. **Revista Observatório**, [s.l.], v. 1, n. 3, p. 62-79, 2015.

ARCARAZO, Diego Acosta; WIESBROCK, Anja (Ed.). **Global Migration: Old Assumptions, New Dynamics**. Santa Barbara: Praeger, 2015. 3 v.

- ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly. Labor Movements and Capital Migration: The United States and Western Europe in World-Historical Perspective. In: BERGQUIST, C. (Org.). **Labor in the Capitalist World-Economy**. Beverly Hills: Sage, 1984. p. 183-216.
- BAQUERO, Marcello; CASTRO, Henrique C. de; RANINCHESKI, Sônia M. (Des)confiança nas instituições e partidos políticos na constituição de uma democracia inercial no Brasil: o caso das eleições de 2014. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 15, n. 32, p.9-38, 2016.
- BURKE, Edmund. **A Philosophical Enquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1993.
- CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira de. **Cultura Política Comparada: democracia e mudanças econômicas: Brasil, Argentina e Chile**. Brasília: Verbena Editora, 2014.
- CHRISTIAN, Darrel; JACOBSEN, Sally; MINTHORN, David (Ed.). **Associated Press stylebook and briefing on media law 2013**. Nova York: Basic Books, 2013.
- COLFORD, Paul. **‘Illegal immigrant’ no more**. 2013. Disponível em: <<https://blog.ap.org/announcements/illegal-immigrant-no-more>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- KEOHANE, Robert O. **After hegemony: cooperation and discord in the world political economy**. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- KISSINGER, Henry. **Ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- MOLINA, Lucía. La traducción de noticias con soporte icónico: La imagen como referente cultural. **Sendebarr**, Granada, v. 22, p.73-86, 2011.
- NEUFELD, Mark A. **The Restructuring of International Relations Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- O GLOBO. PF deporta 450 imigrantes ilegais venezuelanos de Roraima. **O Globo**. Rio de Janeiro. 09 dez. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/pf-deporta-450-imigrantes-ilegais-venezuelanos-de-roraima-20619580>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- PIORE, Michael J. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. Nova York: Cambridge University Press, 1979.
- PÓVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam de Oliveira; PETRUS, Regina. **Migrações: rumos, tendências e desafios**. Rio de Janeiro: Polobooks, 2016.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz da. **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SILVA, Claudio Bezerra da. **Re: Informação sobre “Visa MERCOSUR residencia temporária”**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <roberto.uebel@ufrgs.br>. em: 15 dez. 2016.
- SILVA, Gabriela Martins; RASERA, Emerson Fernando. A Desqualificação do SUS na Folha de São Paulo: Construção Discursiva de Gestores e Usuários. **Psico**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p.82-91, 2013.
- SILVA, Sidney A. da; ASSIS, Gláucia O. **Em Busca do Eldorado: O Brasil no Contexto das Migrações Nacionais e Internacionais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2016.
- SMITH, Steve. Positivism and beyond. In: SMITH, Steve; BOOTH, Ken; ZALEWSKI, Marysia. **International Theory: Positivism and Beyond**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 11-44.
- WEBER, Cynthia. Popular visual language as global communication: the remediation of United Airlines Flight 93. **Review of International Studies**, Londres, v. 34, p.137-153, 2008.
- WEBER, Cynthia. **Queer International Relations: Sovereignty, Sexuality and the Will to Knowledge**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- WHITE, Naomi Rosh; WHITE, Peter B. **Immigrants and the media: case studies in newspaper reporting**. Melbourne: Longman Cheshire, 1983.

WIGHT, Colin. IR: a science without positivism? In: WIGHT, Colin. **Agents, Structures and International Relations: Politics as Ontology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 14-61.

Recebido em 11/07/2017

Aprovado em 06/12/2018